

Apreender pelos poros

Paisagens possíveis nas várzeas urbanas de Bauru (SP)

SESSÃO TEMÁTICA: ET5 - PROCESSOS FORMATIVOS SOBRE A PAISAGEM

Arthur Simões Caetano Cabral
Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design da Universidade Estadual Paulista
E-mail: arthur.cabral@unesp.br

RESUMO

Este artigo discute elementos de ensino-aprendizagem voltados à paisagem junto a cursos d'água na cidade de Bauru (SP). Trata-se de terrenos desprovidos de destinações oficiais de uso ou manejo, abertos à ocorrência subespontânea de uma diversidade significativa de espécies vegetais e a modos de uso e frequência não programados. O referencial teórico busca articular o pensamento de Gaston Bachelard dedicado à imaginação da matéria a aspectos de uma geografia sensível, como aquela desenvolvida por Jean-Marc Besse, por meio de uma metodologia baseada na experiência direta e na elaboração de imagens de naturezas diversas. Tem como objetivo aferir as expressões de elementos naturais degradados ou propriamente invisibilizados, mas que se insinuam em situações intersticiais do meio urbano. A fim de reconhecer brechas na desatenção corriqueira e alterar os modos pelos quais as áreas de várzea são comumente consideradas, estas reflexões procuram desdobrar aspectos de resiliência e diversidade em paisagens latentes. Os principais resultados apontam que o cotejamento entre a fruição corpórea e a imaginação poética oferece elementos potencialmente constitutivos de processos formativos sobre a paisagem. Discute-se a possibilidade de contato nas várzeas urbanas com poros entreabertos – em sentido físico e metafórico – à apreensão paisagística de lugares frequentemente marginalizados nas cidades.

PALAVRAS-CHAVE: experiência da paisagem; imaginação da matéria; rios urbanos; interações multiespécie; flora ruderal.

ABSTRACT

This paper discusses teaching and learning elements focused on the landscape along waterways in the city of Bauru (SP). These are areas lacking official designations for use or management, open to the sub-spontaneous occurrence of a significant diversity of plant species and to unplanned modes of use and frequentation. The theoretical framework seeks to articulate Gaston Bachelard's thought dedicated to the imagination of matter with aspects of a sensitive geography, such as that developed by Jean-Marc Besse, through a methodology based on direct experience and the creation of images of diverse natures. Its objective is to assess the expressions of degraded or even invisible natural elements that insinuate themselves into interstitial situations within the urban environment. In order to recognize gaps in the common inattention and alter the ways in which floodplain areas are commonly considered, these reflections seek to unfold aspects of resilience and diversity in latent landscapes. The main results indicate that comparing bodily experience and poetic imagination offers potentially constitutive elements for formative processes regarding the landscape. The possibility of contact in urban floodplains with partially open pores – in both a physical and metaphorical sense – for the landscape apprehension of places frequently marginalized in cities is discussed.

KEYWORDS: experience of landscape; imagination of matter; urban rivers; multispecies interactions; ruderal flora.

1 INTRODUÇÃO

A pauta assumida pelo 8º Congresso Internacional de Arquitetura da Paisagem, orientada pelos eixos temáticos que o constituem, oferece um convite à compreensão da paisagem como um termo polissêmico, atinente a campos disciplinares e saberes diversos. No cruzamento de perspectivas plurais, falar em paisagem, mais do que nunca, implica tratar das condições pelas quais habitamos a Terra. Se hoje apresentam-se em curso alterações ecológicas sem precedentes, distribuídas desigualmente em escala planetária¹, constatamos, ao mesmo tempo, "transformações consideráveis nos modos de vida humanos", traduzidas com frequência "na degradação das paisagens, que são seus reflexos e seu depósito" (Besse, 2018, p. 6). Em diferentes escalas e métricas, os dados atuais dos ecossistemas terrestres não podem ser tomados apenas pela mensuração de impactos desastrosos à existência coletiva², mas devem mobilizar, fundamentalmente, reflexões sobre a formação das paisagens em que vivem as sociedades contemporâneas (Idem).

Pensar, fruir e projetar a paisagem demandaria, analogamente, o enfrentamento do descompasso entre processos historicamente hegemônicos de produção e consumo e os distúrbios que deles decorrem. De acordo com pesquisas consistentes publicadas ao longo das últimas décadas, o alcance geológico das perturbações infringidas atualmente posiciona a humanidade no limiar de uma era em que o protagonismo humano tem de recuar diante das condições que tornam a vida habitável (Reyes; Michael Hennrich; Bartalini, 2024). Esse recuo atinge também visões de mundo ou cosmovisões cujo silenciamento seria um dos pressupostos da modernidade: assistimos à erosão programada de culturas ao mesmo tempo em que convivemos com a desfiguração e o apagamento de paisagens. Reduzimos progressivamente o lugar disponível à fruição da natureza da Terra no cotidiano – as ocasiões em que é possível ainda mergulhar os pés num riacho ou cultivar roças com as mãos em contato com a umidade das baixadas, por exemplo, são raras ou mesmo impraticáveis na realidade contemporânea de médias e grandes cidades. Se nos habituamos a viver em espaços cada vez mais artificializados, convivemos, em contrapartida, com seres e fenômenos resistentes às vontades de

¹ Podemos elencar a ocorrência cada vez mais frequente de eventos climáticos extremos; a redução em massa da biodiversidade, evidenciada pela destruição de habitats e pelo declínio de espécies, ao que se acrescentam o crescimento das desigualdades socioespaciais, entre outros processos amplamente documentados.

² "Esquecemos que a paisagem, antes de mais nada, é um meio que nos afeta e no qual estamos mergulhados, um meio onde agimos, pensamos, decidimos e sonhamos também. Ela é uma das condições sensíveis e emocionais da nossa existência. Não estamos apenas 'na' paisagem. Ela é uma dimensão constitutiva na nossa existência na terra" (Besse, 2018, pp. 5-6).

dessecamento e assepsia, também fazedores de mundos (Coccia, 2018). Entre raízes e horizontes, o direito à paisagem³ estabelece parentesco com o direito de sonhar⁴.

Reafirmando a relevância cultural e ambiental da demarcação de reservas ecológicas, territórios e paisagens notáveis, cujo reconhecimento demanda com urgência estudos em prol de sua salvaguarda, este trabalho se volta, por outro lado, à aferição de sentidos paisagísticos de situações bastante triviais, comumente dissimuladas no meio urbano. Dirigimos o olhar a diferentes escalas – de frestas povoadas por plantas mínimas a indícios de córregos propriamente ocultos (Bartalini, 2018), o que demanda certa disposição do olhar àquilo que muitas vezes nos escapa entre as atribulações corriqueiras. No caso específico dos terrenos que se estendem indistintos junto a afluentes do Ribeirão Bauru, procuramos exercitar uma ecologia da atenção (Citton, 2018), que, na experiência da paisagem, precederia o corte entre imagem e conceito. O material coletado e elaborado em pesquisa de campo se articula a exercícios projetuais e práticas em atelier propostos em atividades de extensão e disciplinas de graduação e pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, entre 2023 e 2025. Com o objetivo de reconhecer indícios de paisagens latentes ou ainda pouco reconhecidas, percorremos as imediações dos córregos principais da cidade de Bauru e seguimos vestígios de seus afluentes mais capilares, muitas vezes canalizados ou sepultados anônimos entre galerias pluviais.

Não se trata de paisagens de excepcionais valores ecológicos ou cênicos – tampouco se trata de exaltar ingenuamente o imprevisto ou o abandono. Na condição de hiatos do tecido urbano, à espera de destinações oficiais de uso ou manejo, as imediações inundáveis dos córregos estudados se oferecem à brotação de plantas palustres e ruderais⁵, à circulação e à permanência de peixes e aves, entre outros seres animais e vegetais que participam de modo quase invisível da vida nas cidades. Em meio a condições gerais de degradação ambiental, procuramos aferir certas táticas de sobrevivência partilhadas por diferentes seres, vegetais e animais, capazes de resistir e desabrochar frente às perturbações mais severas. A observação atenta das feições das plantas ruderais e das interações que estabelecem em termos multiespecíficos, criando mundos em ambientes até então inabitáveis, coloca-nos imersos em manifestações de uma natureza originária que perfaz as cidades. Entre o acaso do vegetal, com suas invenções incontidas, e o cultivo de gestos especialmente dirigidos à cura da Terra, notamos que certas espécies procuram

³ "O que é feito de nossos rios, nossas florestas, nossas paisagens? Nós ficamos tão perturbados com o desarranjo regional que vivemos, ficamos tão fora do sério com a falta de perspectiva política, que não conseguimos nos erguer e respirar, ver o que importa mesmo para as pessoas, os coletivos e as comunidades nas suas ecologias. Para citar o Boaventura de Sousa Santos, a ecologia dos saberes deveria também integrar nossa experiência cotidiana, inspirar nossas escolhas sobre o lugar em que queremos viver, nossa experiência como comunidade" (Krenak, 2019, pp. 23-24).

⁴ Recorremos ao título de uma obra de Gaston Bachelard, "filósofo que conseguiu mostrar, em termos atuais, a função positiva do erro na gênese do saber [...], já que 'o conhecimento científico é sempre a reforma de uma ilusão', jamais retidão plena e definitiva, sempre permanente retificação [...], inovador da concepção de imaginação, explorador do devaneio, exímio mergulhador nas profundezas abissais da arte, amante da poesia" (Pessanha in Bachelard, 1985, pp. v-vi).

⁵ Em suas origens etimológicas, o termo ruderal se posiciona entre as noções de rústico e rural, ambas derivadas do termo latino *rus*, referente ao campo, a *ruris*. Trata-se de aspectos que se contrapõem aos de *urbe*, aludindo àquilo que se mostra estranho ao meio urbanizado, isto é, aquilo que não pôde ser formatado ou esmerado por completo, que não admite acabamentos. Em termos de vegetação, o ruderal manifesta a resistência de espécies pioneiras capazes de viver em condições ambientais as mais adversas, inaugurando continuamente dinâmicas naturais e assimilando em suas feições as transformações delas decorrentes.

aproximar-se de pomares, hortas e jardins pontualmente cultivados por iniciativa de vizinhos das várzeas percorridas, em convívio inusitado e arranjos que se diversificam ao longo do tempo.

Recorrendo aos termos de Jean-Marc Besse (2018), procuramos reconhecer e traçar rastros de uma especial "atenção à paisagem". Não tratamos simplesmente das formas que se nos apresentam, no sentido de uma visualidade estrita, mas também da matéria que se esconde por trás da formação de paisagens. Se na paisagem, entre múltiplas acepções, nos vemos radicalmente arrebatados pela experiência de um inumano que nos habitaria silenciosamente desde a infância, nos termos de Jean-François Lyotard (1990), procuramos reconhecer fenômenos cuja compreensão demanda um passo atrás em relação à formação dos conceitos e das fronteiras de campos disciplinares.

Os sentidos de "educar à paisagem", conforme elaboração de Jean-Marc Besse, colocam em questão uma componente epistemológica dos modelos de formação à paisagem: não se trata de um objeto a ser ensinado, mas de um meio oportuno ao desenvolvimento de processos de ensino-aprendizagem em amplo sentido. Essa perspectiva nos convida a indagar, fundamentalmente, o papel a experiência corpórea e de instantes de devaneio em contato imediato com elementos fugidios da materialidade originária da Terra, em que se cruzam os sentidos do corpo, do olhar e a experimentação poética em linguagens diversas.

Acrescenta-se a transição da “economia à *ecologia* da atenção”, defendida por Yves Citton (2018). O autor argumenta que a atenção não deveria ser tratada como um recurso a ser poupado, mas oferecida àquilo que costuma ser relegado ou preterido. A apreensão do mundo vivido e dos processos de constituição das subjetividades exigiria a abertura a encontros imprevistos com a realidade, sustentados por gestos atentos, orientados por afinações afetivas e cognitivas muitas vezes discretas, porém decisivas. Dessas considerações emerge uma característica particular da atenção, qual seja a de nutrir-se de exercícios de cultivo do instante presente. Trata-se, novamente, de investigar e apreender modos possíveis a um encontro desobstruído com o mundo.

Resultantes dos processos ao longo dos quais se produzem as cidades, as situações abordadas correspondem a terrenos não aproveitados ou descartados pela urbanização, como resíduos⁶ adjacentes a cursos d'água. Os lugares em estudo podem ser reconhecidos como baldios sob a perspectiva de que a eles não se dirigem preocupações de manutenção, manejo ou qualquer programação de usos ou ocupação. Em contrapartida, acolhem tudo aquilo que não encontra destinação nas cidades e que é relegado, literalmente, ou em sentido figurado, às margens, sejam práticas ou modos de frequência não programados, sejam objetos ou seres desprovidos de tratos.

⁶ A noção de *resíduos* implícita na abordagem dos espaços residuais aqui proposta tem como baliza o pensamento de Henri Lefebvre, que assinala a impossibilidade de apreensão das realidades que nos circundam, em sua totalidade, por meio exclusivo dos conceitos. Para o autor, o alcance das construções racionais e da linguagem nos deixaria sempre expostos a algo que o excede e que se produz constantemente como resíduo – o barulho que resiste à música; o desejo libidinoso que extravasa o pensamento maquínico; a *poiesis* refratária à *mimesis*; a natureza assimilada como resíduo pela cultura (Lefebvre, 1967, p. 375). Abertos ao devir, os resíduos guardariam uma potência de renovação incessante e que escapa à delimitação prévia por meio dos conceitos, que “jamais o conseguirão completamente: o devenir se mostrará inesgotável e, no entanto, atual e presente. Diante das operações do entendimento e do discurso, persistirá sempre um resíduo” (Lefebvre, 1967, p. 82).



Embora alijados do olhar corriqueiro, certos traços da rede hidrográfica capilar insinuam-se à margem de terrenos muitas vezes expostos à brotação de pequenas plantas, em geral mal toleradas em outras partes da cidade. A ocorrência subespontânea de espécies ruderais, com especial atenção à diversidade de feições e consórcios que estabelecem entre si e com outros seres, segundo suas táticas de sobrevivência, corrobora o potencial de resiliência e diversificação ambiental e paisagística que procuramos ali aferir. Além disso, as atividades de pesquisa-ação que subsidiam este texto permitiram reconhecer fenômenos significativos atinentes aos modos pelos quais se habitam paisagens de margens (Bartalini; Cabral, 2016), os quais teriam como termo comum o cuidado, o cultivo e o usufruto compartilhados de espaços livres segundo uma especial interação com a natureza da Terra (Dardel, 2015).

2 CONSIDERAÇÕES SOBRE AS VÁRZEAS DE BAURU (SP)

O termo *várzea* se refere, geograficamente, a áreas suscetíveis a inundações, correspondentes a terrenos baixos lindeiros a rios e córregos. As águas que afloram em regiões serranas e de planalto encontram o substrato rochoso geralmente aflorado e nele esculpem, ao longo de durações geológicas, padrões de drenagem variados entre veios sinuosos, quedas d'água e corredeiras. Dessas formações, morro abaixo, desenrolam-se meandros mais ou menos pronunciados, que por vezes se acumulam em brejos temporários à meia encosta. As águas que nascem em terrenos sedimentares, por sua vez, moldam bancos de areia e reservam minas de argila em planícies de extensão variável, à disposição de rios vagarosos.

Quanto às suas qualidades geológicas gerais, as várzeas do ribeirão Bauru e de seus afluentes, que banham o sítio urbano e servem de nome à cidade do centro-oeste Paulista, situam-se na Bacia Bauru, uma extensa unidade sedimentar cujos terrenos são abrangidos correntemente pela Formação Bauru. Em linhas gerais, o embasamento regional que aflora no município se mostra em solos avermelhados bastante porosos. Cupinzeiros são frequentes, assim como buracos de tatu e focos de erosão. As águas que nascem por ali, a seu tempo, carregam no inconsciente a memória inacessível de um imenso lago ancestral, retraído lentamente ao longo da formação da epiderme da Terra.

Trata-se de uma posição transitória, de morfologia singular, situada a oeste no horizonte das Cuestas Basálticas — conjunto de escarpas do Planalto Ocidental formadas nos limites da Depressão Periférica Paulista. Em suave ondulação, inscrita pela retração sucessiva das águas, os terrenos majoritariamente arenosos onde se vê implantada a cidade de Bauru resultam de sedimentações iniciadas enquanto o continente ancestral de Gondwana se fragmentava, no alvorecer do período cretáceo. Desse acontecimento restou como cicatriz o próprio Rio Paraná, cujo curso passaria a se orientar rumo ao recém-aberto Atlântico Sul. Diante da resistência oferecida por grãos de quartzo, arenitos e argilominerais, as águas que afloram em Bauru raramente desenham meandros, ainda que provoquem com frequência incisões e acidentes erosivos em suas margens (Ab'Saber, 1956).

De maneira análoga a processos observados em diferentes cidades do Centro-Oeste Paulista, a conformação urbana de Bauru, nas primeiras décadas do século XX, foi marcada pela implantação de ferrovias ao longo de terraços fluviais. A escolha do traçado ferroviário explorava as declividades favoráveis e o relevo suave característico das várzeas locais. No breve intervalo de 1905 a 1910, Bauru se consolidaria como o principal

entroncamento ferroviário do interior brasileiro (Ghirardello, 2020), resultado da convergência das linhas Noroeste, Sorocabana e Paulista. Esse processo alterou de maneira significativa tanto as dinâmicas dos espaços livres públicos quanto a distribuição dos usos nas áreas centrais. Ao mesmo tempo, a chegada dos trilhos acentuou a histórica separação entre o tecido urbano consolidado e os baixios bauruenses, áreas tradicionalmente alijadas das atividades citadinas, “onde apenas certos valores residuais parecem se manter” (Sartori; Constantino, 2020, p. 300). Diante desse contexto, avaliar o potencial paisagístico dessas amplas faixas remanescentes — e investigar como podem ser reconhecidas e reinterpretadas no presente — constitui o núcleo das questões abordadas neste estudo.

O expressivo incremento de loteamentos aprovados a partir de 1960 caracteriza processos de expansão urbana mormente alheios à configuração da rede hidrográfica secundária que banha o sítio urbano de Bauru. Em muitos bairros, a oferta de áreas verdes públicas não atende sequer ao mínimo legal previsto para loteamentos regulares, tampouco são estabelecidas articulações adequadas ao sistema de espaços livres (Whyte, 2002). A localização e a configuração espacial das praças, em diversos casos, desconsideram as redes da microdrenagem, as variações topográficas e as oportunidades de conexão entre fragmentos de vegetação relevante — aspectos fundamentais do sítio urbano e das dinâmicas ecológicas que estruturam os interstícios da cidade⁷. O estudo dos projetos de urbanização, acessados em arquivos municipais, e sua confrontação com as estruturas urbanas existentes na atualidade permitem compreender e discutir a formação de espaços residuais ao longo das várzeas de Bauru.

A combinação entre o declínio do transporte ferroviário e a ascensão do modelo rodoviarista — elemento central no ideário moderno e motor dos processos de expansão urbana — intensificou a marginalização dos fundos de vale e contribuiu para o apagamento de suas paisagens. Esse movimento se evidencia de forma exemplar no caso do ribeirão Bauru e de alguns de seus afluentes, cujos valores ambientais, ecológicos e paisagísticos foram progressivamente suprimidos com a implantação de avenidas de fundo de vale. O córrego das Flores é um caso emblemático que, desde a década de 1950, passou por sucessivas etapas de canalização, processo que culminou, no fim dos anos 1980, no completo tamponamento de suas águas sob as vias expressas da Avenida Nações Unidas.

No entanto, parte de suas nascentes permanece visível no Parque Vitória Régia, onde despejam em um pequeno brejo. Ali, a vegetação palustre desenvolvida de modo subespontâneo atrai garças e outras aves. Poucos metros à frente, o curso d’água abastece um lago que circunda um anfiteatro moldado na topografia: palco e plateia se integram delicadamente em torno da lâmina d’água. Esse conjunto configura um espaço público de convivência amplamente utilizado por moradores de diferentes regiões da cidade. O projeto paisagístico de Jurandyr Bueno Filho valoriza a centralidade das águas, enquanto os planos de manejo mais recentes do Parque Vitória Régia têm fortalecido dinâmicas ecológicas no ambiente urbano — perceptíveis sobretudo na diversidade de flora ruderal, de aves e nos arranjos florísticos que se formam espontaneamente ao redor do brejo.

Logo após atravessar o Parque Vitória Régia, contudo, o córrego das Flores volta a desaparecer em galerias subterrâneas, reaparecendo apenas quando lançado, por meio de um tubo, no ribeirão Bauru — este já parcialmente retificado e canalizado ao longo do

⁷ Embora prevista desde 2008 no Plano Diretor Estratégico de Bauru, a implantação de parques lineares ao longo dos principais fundos de vale permanece em dormência.

canteiro central da Avenida Nuno de Assis. Situação semelhante ocorre em outros fundos de vale localizados em áreas de urbanização mais recente. A seguir, comentaremos os resultados de levantamentos de campo realizados com a participação de estudantes e de comunidades locais em diferentes córregos de Bauru, onde extensas faixas de terrenos sem destinação definida e carentes de programas de uso acolhem, contudo, práticas espontâneas de apropriação dos espaços livres públicos (Kaimoti, 2009) e expressões de resiliência ecológica ainda pouco consideradas nos entremeios da cidade.

2.1 Vestígios e permanências

Em celebração ao primeiro cinquentenário da Associação Brasileira de Arquitetos Paisagistas, a seleção dos termos "raízes e horizontes" nos leva a considerar a paisagem como um fenômeno que excede a ordem do visível, por envolver a um só tempo aquilo que se enraíza debaixo do chão e o que se desdobra além do que a vista alcança. Com os olhos fechados, poderíamos sentir o vento que toca os buritis em suas palmas mais aéreas, se nos víssemos com os pés na baixada de uma vereda; pisaríamos no chão de alguma mata toda sorte de folhas secas, talvez musgos e brotações afeitas à sombra; ao chegar a um remanso junto a uma praia de rio (figura 1), poderíamos atestar pelos próprios pés a resistência de terrenos porosos frente às vontades d'água que insiste em erodi-los.

Figura 1: Recanto junto ao córrego Água da Grama (esq. acima); foz do córrego das Flores, tamponado sob a Av. Nações Unidas (esq. abaixo); foto aérea de Bauru com hidrografia sobreposta (dir.).



Fonte: o autor, 2025.

Os terrenos da formação Bauru, por onde escoam os cursos d'água investigados, se caracterizam notadamente por sua porosidade, entre outras propriedades intrínsecas, das quais decorrem sua suscetibilidade à ocorrência de focos de erosão, frequentes em talvegues e baixios. Em que pese a impermeabilização massiva do sítio urbano de Bauru, é possível ainda hoje atestar o efeito das águas frente à terra exposta nua. A figura acima contrapõe duas situações aparentemente antagônicas, mas coexistentes a uma distância aproximada de dois quilômetros. Ambas as situações foram objeto de estudo em disciplinas da graduação, envolvendo visitas técnicas de estudantes e atividades de extensão correlatas à pesquisa em curso sobre as paisagens de várzeas urbanas.

Vemos acima, à esquerda [1], uma fotografia tomada em levantamento de campo realizado pela margem direita do Córrego Água da Grama, poucos metros a montante da Vila Santa Filomena, em outubro de 2023. Trata-se de terrenos ocupados informalmente por 48 famílias até o ano de 2016, data de remoção das construções e realocação da comunidade no conjunto habitacional San Sebastian, implantado em terreno contíguo, a jusante. Enquanto caminhávamos sob árvores já crescidas junto a uma trilha de terra marginal, uma pessoa exclamou: "agora você está entrando no meu barraco". Entre resquícios de baldrames e restos de demolição sob a serrapilheira, mourões de cerca delimitavam um pomar razoavelmente diverso, ora cultivado por moradores do conjunto habitacional. Há quase dez anos, o cotidiano do apartamento encontra naquele trecho de várzea do córrego Água Comprida oportunidades para o contato sensível com a terra, a produção de frutos, o lazer fruído junto às águas. Essa realidade contrasta com a imagem apresentada abaixo [2], na qual vemos a foz do Córrego das Flores, cujo tamponamento e canalização foram brevemente descritos anteriormente.

Em ambos os casos, procuramos nos aproximar, num primeiro contato, da condição de um observador que não dispõe de qualquer aparato técnico, senão de seu próprio corpo. Em seguida, as caminhadas e paradas acompanham a produção de imagens de naturezas diversas (fotografias, desenhos, relatos textuais, registros em vídeo, entre outros). Mais do que a descrição de dados objetivos dos espaços estudados, procuramos detectar no material produzido possíveis acenos daquilo que se cala na paisagem, mas que se expõe em mudez enquanto a fruímos (Besse, 2014, p. 47). Mais do que o entendimento preciso de atributos formais apresentados ao olhar, o retorno às imagens – revisitadas e consteladas ao longo de exercícios de projeto – busca apreender da paisagem a sua materialidade elementar, de que se nutririam as raízes mais profundas dos cuidados dedicados a um jardim (Clément, 2020) e os horizontes fugazes que escapam do olhar entre acostamentos, bordas de loteamentos e refugos urbanos.

A metodologia adotada se fundamenta na ideia de que a fruição da paisagem seria refratária a tentativas de representação objetiva, correspondendo antes a uma experiência *muda* cuja possibilidade de enunciação depende “de manter o seu segredo, de indicar a sua presença, ou a sua passagem, sem procurar medir essa presença” (Besse, 2014, p. 53). Voltar-se às águas, ainda que em sua quase imperceptível capilaridade, supõe deslocar o olhar daquilo que já está dado e instrumentalizado para uma postura sensível e existencial diante do que irrompe. Nessa direção, a noção de imaginação da matéria, em sua formulação inaugural por Gaston Bachelard (2013), oferece outra via de aproximação: perceber-se em afinidade íntima com as águas, reconhecendo nelas o elemento fluido por excelência, uma causa material primordial capaz de formar imagens e deformá-las continuamente. Entre o sentir e o imaginar, matéria e forma se imbricam mutuamente na produção de paisagens e de imagens⁸.

Para além das *formas* que se apresentam aos sentidos, procuramos reconhecer e discutir infiltrações da causalidade *material* da Terra nos modos pelos quais podemos apreendê-la e imaginá-la em cumplicidade às artes e saberes técnicos plurais. Colocamos em foco a reticência das águas que insistem em escoar e que se inundam mesmo quando tubuladas entre avenidas, vielas ou brejos parcialmente dessecados; somam-se as vontades incontidas do vegetal e a profusão de arranjos em que se apresentam mesmo em

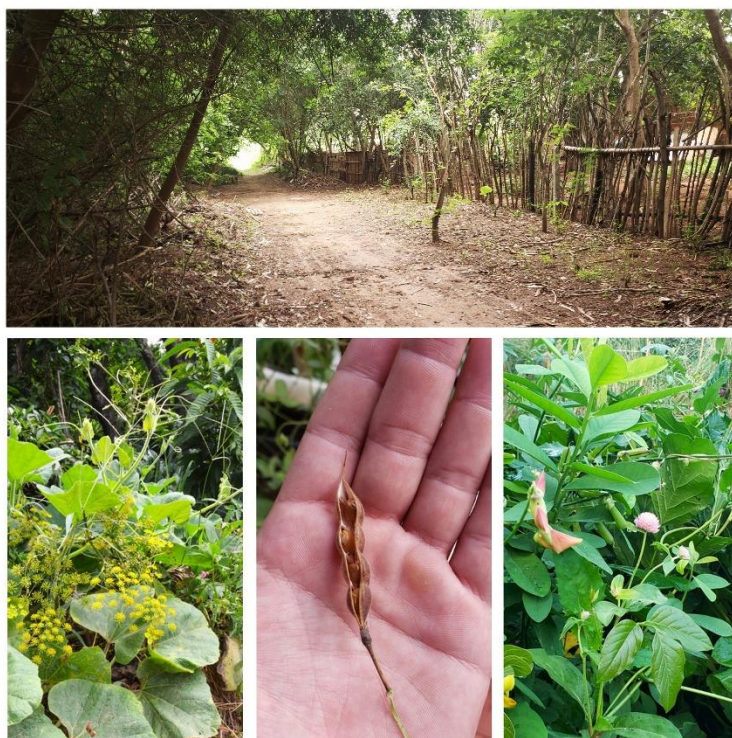
⁸ “Reconhecerá na água, na substância da água, *um tipo de intimidade*, intimidade bem diferente das que as 'profundezas' do fogo ou da pedra sugerem [...]. Verá que o mobilismo heraclítico é uma filosofia *concreta*, uma filosofia *total*. Não nos banhamos duas vezes no mesmo rio, porque, já em sua profundidade, o ser humano tem o destino da água que corre” (Bachelard, 2013, pp. 6-7).

ambientes fortemente perturbados, quais sejam lugares indesejados das cidades. Entre percursos empreendidos à beira de córregos e o cultivo de canteiros experimentais, procuramos revolver, por trás das imagens que se apresentam, indícios ou rastros da matéria que se oculta (Bachelard, 2013, p. 125).

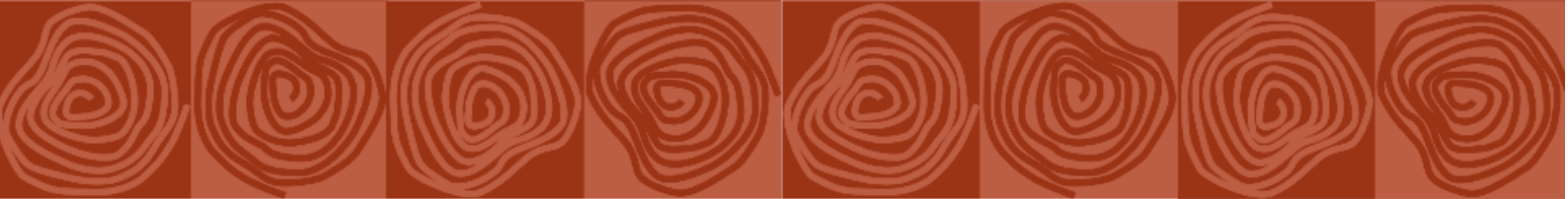
2.2 Pomares, plantas ruderais e um canteiro experimental

Voltemos ao pomar da Vila Santa Filomena, junto ao córrego Água da Grama (figura 2). Rente às cercas que resguardam o espaço reservado ao cultivo, vimo-nos diante de diversas plantas de ocorrência subespontânea. Algumas delas encontram oportunidade de germinação às margens ainda úmidas de terrenos irrigados e periodicamente arados, enquanto outras preferem a penumbra inculta sob o arvoredor rente ao córrego. Com o olhar dirigido às condições de resiliência e diversificação ecológica passíveis de reconhecimento sensível em paisagens de várzeas, realizamos coletas de materiais botânicos (sementes, mudas e exsicatas) em diferentes estações do ano, o que permitiu a identificação de um rol significativo de espécies, em grande parte nativas, à disposição de projetos de plantio, do planejamento paisagístico e da Arquitetura da Paisagem. A ocorrência de algumas dessas plantas, como a *Gomphrena globosa* (abaixo, à direita), embora comumente combatida em jardins, sinaliza sinais de diversificação da vida em meio às cidades quando germinada em frestas do asfalto ou quando irrompe em gramados monoespecíficos, de modo a diversificá-los, por exemplo.

Figura 2: Trilha e pomar junto ao córrego Água da Grama (acima); coletas botânicas e aspecto geral do canteiro experimental da flora ruderal (abaixo).



Fonte: o autor, 2025.



A realização de coletas botânicas se viu acompanhada do plantio por semeadura direta e do transplante de mudas colhidas nas imediações de diferentes córregos de Bauru⁹. Em caráter experimental, o acompanhamento diário deste pequeno canteiro da flora ruderal¹⁰ permitiu constatar, de início, a recusa de enraizamento das mudas transplantadas, enquanto a introdução de sementes a lanço gerou brotações e floradas variadas em poucas semanas, em convite à ocorrência de polinizadores, insetos e pássaros e seres diversos. Nos períodos de estiagem, quando é comum a retração das plantas ruderais, o aspecto geral das folhas de certas espécies denotava condições de estresse oxidativo, muitas vezes associadas à ocorrência de cochonilhas e fungos. Em consórcios estabelecidos por múltiplas espécies, o meio produzido pelas plantas ruderais (Coccia, 2018) apresenta condições tênues de equilíbrio ecológico: suas invenções são tão ligeiras quanto o ciclo dessas espécies, em diversidade crescente (Clément, 2005). Sua temporalidade é fugidia. Embora raramente encontrem lugar em cidades e jardins, onde é quase automático e ainda pouco refletido o gesto de carpi-las, essas plantas insistem em ocorrer em suas frestas, em diferentes escalas, possíveis poros à paisagem.

Caminhemos, agora, pelas imediações do córrego Água do Sobrado, também à margem esquerda do ribeirão Bauru, "onde ainda continuam a existir diversas chácaras em glebas mais próximas ao córrego" (Constantino, 2005, p. 96). Caminhamos por bairros cuja urbanização teve início entre os anos 1940 e 60¹¹. Recorremos aos termos de Norma Constantino a fim de caracterizar em linhas gerais as decorrências paisagísticas dos processos de urbanização historicamente documentados, ao longo dos quais

as glebas originárias da subdivisão da Fazenda Grande foram senda parceladas, com a retirada de grande parte da vegetação nativa, mas demoraram a ser ocupadas. Na implantação de novos loteamentos, a primeira providência é sempre promover a limpeza da área, ou seja retirar qualquer vestígio da vegetação original para mais facilmente passar as máquinas e traçar as ruas (Constantino, 2005, p. 97).

⁹ Destaca-se a realização de pesquisas de iniciação científica que se voltaram aos córregos Água da Grama, Água do Sobrado e Água Comprida.

¹⁰ O canteiro da flora ruderal se situa na "Campina Experimental do Cerrado", instalada no campus da universidade.

¹¹ Dentre os 35 loteamentos urbanos que perfazem a bacia do córrego Água do Sobrado, três quartos foram empreendidos no referido período (Constantino, 2005, p. 96).

Em frente à Escola Estadual Prof. José Viranda, uma passagem estreita oferece um atalho insólito a quem caminha pela Rua Fortunato Resta (figura 3). Trata-se de uma faixa de servidão reservada à circulação de pedestres entre dois conjuntos habitacionais implantados entre os anos 2000 e 2010. A improvável viela permite ao passante chegar a um pasto extenso, ligeiramente rebaixado por força das águas. Uma cerca de taquaras improvisadas evita o escape das vacas que ruminam a relva, à distância, à sombra de arvoredos pontuais. Plantas rasteiras e pequenos arbustos bastante diversos aproveitavam a incidência parcial do sol em suas bordas. Depois de atravessá-los, procurando os pontos mais baixos do terreno, encontramos águas quase cristalinas, nas quais pode-se ainda repousar os pés, entre bancos de areia.

Figura 3: Passagem entre muros dos condomínios (esq.); coletas botânicas e croquis realizados por estudantes (dir. acima); chegada ao córrego Água do Sobrado (dir. abaixo).



Fonte: o autor, 2025.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema das várzeas nos convida a pensar a condição do ser varzeano¹², que aprendeu a molhar os pés e que o faz como reinvenção do real. Contra os efeitos dos modelos hegemônicos da produção do espaço urbano, outros olhares trazem à tona modos de uso e imaginários atinentes ao brejo, ao pântano, ao alagadiço. Ainda que refugados pela urbanização, rios e córregos trazem consigo lembranças e práticas de espaço que podem acionar camadas de significados associados ao humano e ao não-humano, em grande medida esquecidos ou escanteados pela lógica dominante da vida contemporânea. É preciso subvertê-la para acessá-los.

Partindo da compreensão de que a paisagem se constitui fundamentalmente de uma experiência afetiva atinente aos laços que unem a existência de homem e Terra, conforme propõe o geógrafo Eric Dardel (2015, p. 31), ela não pode ser apreendida como “um círculo fechado, mas como um desdobramento”. Tal concepção conduz a reconhecer, na

¹² Referimo-nos às condições de existência que se relacionam diretamente umas com as outras na realidade sensível das várzeas urbanas. O ser varzeano inclui, portanto, a participação partilhada de pessoas, animais e plantas, entre outros seres.

condição humana, não apenas a historicidade que marca sua existência, mas também uma *geograficidade* incontornável, situada “na fronteira entre o mundo material, onde se desenrola a atividade humana, e o mundo imaginário, que oferece seu conteúdo simbólico à liberdade do espírito” (Dardel, 2015, p. 5). Sempre ancorada no presente, portando imanências ou vestígios de outros tempos, a paisagem remete ao devir de mundos, apresentando-se aos sentidos como aparência.

A proposta de uma educação à paisagem demandaria, ainda, a perspectiva de um olhar desacelerado, que exceda os critérios de desempenho técnico ou da eficácia de soluções projetuais voltadas a exigências imediatistas. Nos termos de Besse (2018, p. 72), “não basta fazer e saber construir, é preciso igualmente, e talvez sobretudo, saber habitar. A paisagem é, a um só tempo, uma condição e uma expressão desse saber habitar”. Sob essa abordagem, ganha relevo não apenas a necessidade de reflexão sobre a paisagem, mas, fundamentalmente, sobre os processos formativos que a acompanham.

Se a paisagem nos expõe a seco à temporalidade de horizontes inatingíveis, passados e futuros, se hoje sentimos falta de mundos, é preciso tratar de uma aridez de existência. Vivemos *mundos* adoecidos, talvez esquecidos daquilo que nutre sua própria existência frente à realidade inescapável da Terra, carentes daquilo que possa *animá-los*. Mais do que nunca, é urgente compreendê-los mais a fundo para que possamos reconhecer e cultivar possíveis paisagens. Já não estamos diante de um mundo que se vê cada vez mais desprovido de *horizontes*, que estranha a dormência de suas próprias *raízes*, mas propriamente imersos na sua feitura.

AGRADECIMENTOS

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo financiamento do projeto de pesquisa “Várzeas Urbanas: resiliência e diversidade em paisagens latentes” (processo nº 405908/2023-7).

REFERÊNCIAS

AB’SABER, Aziz Nacib. A terra paulista. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 23, p. 5-38, 1956. < biblio.fflch.usp.br/AbSaber_AN_1351128_ATerraPaulista.pdf >.

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**. Ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

BACHELARD, Gaston. **O direito de sonhar**. São Paulo: Difel, 1985.

BARTALINI, Vladimir. **Paisagens surgentes**. Tese (Livre Docência em Paisagem e Ambiente) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

BARTALINI, Vladimir; CABRAL, Arthur Simões Caetano. Habitar paisagens de margens. Experiências de fronteiras em São Paulo. In: MÜLLER, Luis; MARTINS, Maria Lucia Refinetti. (Org.). **Arquitetura e qualidade socioambiental nas cidades do Cone Sul**. São Paulo; Santa Fé: Universidad Nacional del Litoral; FAU/USP, 2016.

BESSE, Jean-Marc. **La nécessité du paysage**. Marselha: Parenthèses, 2018.

BESSE, Jean-Marc. **O gosto do mundo**. Exercícios de paisagem. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

CITTON, Yves. Da economia à ecologia da atenção. **Ayvu**: Revista de Psicologia, Volta Redonda, v. 05, n. 01, p. 13-41, 2018.

CLÉMENT, Gilles. **Manifesto del Terzo paesaggio**. Macerata: Quodlibet, 2005.

CLÉMENT, Gilles. **Une brève histoire du Jardin**. Paris: Editions du 81, 2020.

COCCIA, Emanuele. **A vida das plantas** - uma metafísica da mistura. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018.

CONSTANTINO, Norma Regina Truppel. **A construção da paisagem de fundos de vale**: o caso de Bauru. Tese (Doutorado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

DARDEL, Eric. **O homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2015.

GHIRARDELLO, Nilson. **Bauru em temas urbanos**. Tupã: ANAP, 2020.

KAIMOTI, Naiara Luchini de Assis. **Paisagens vivenciadas**: apropriações públicas dos Fundos de Vale e sistema de espaços livres. Estudo de caso no Município de Bauru-SP. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Cia. das Letras, 2019.

LEFEBVRE, Henri. **Metafilosofia**: prolegômenos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

LYOTARD, Jean-François. **O inumano**: considerações sobre o tempo. Lisboa: Editorial Estampa, 1990.

PESSANHA, José Américo Motta. "Bachelard: as asas da imaginação". In. BACHELARD, Gaston. **O direito de sonhar**. São Paulo: Difel, 1985.

REYES, Paulo; MICHAEL HENNRICH, Dirk; BARTALINI, Vladimir. PAISAGENS PÓS-ANTROPOCENO: Quando o imaginário habita o real. **PIXO** - Revista de Arquitetura, Cidade e Contemporaneidade, v. 8, n. 29, 2024. P. 10-15.

SARTORI, Maria Fernanda Serrano; CONSTANTINO, Norma Regina Truppel. A cidade como palimpsesto: a região central de Bauru. **Anais do IV SiBOGU** - Simpósio Brasileiro Online de Gestão Urbana. Bauru: Unesp, 2020. p. 294-308.

WHYTE, William. **The Last Landscape**. Pensilvânia: University of Pennsylvania Press, 2002.